

[CI-GÎT].
ENSAIOS SOBRE A INSTAURAÇÃO
CLANDESTINA, A PALAVRA BALDIA
E A PRESENÇA MURMURADA DO OBJETO

FERCHÔ MARQUÉZ

[CI-GÎT].
ENSAIOS SOBRE A INSTAURAÇÃO
CLANDESTINA, A PALAVRA BALDIA
E A PRESENÇA MURMURADA DO OBJETO

FERCHO MARQUÉZ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
MESTRADO EM POÉTICAS VISUAIS

Anderson dos Santos Batista

[CI-GÎT]. ENSAIOS SOBRE A INSTAURAÇÃO
CLANDESTINA, A PALAVRA BALDIA
E A PRESENÇA MURMURADA DO OBJETO

Porto Alegre, 15 de outubro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Batista, Anderson dos Santos
[ci-gît]. Ensaaios sobre a instauração clandestina,
a palavra baldia e a presença murmurada do objeto /
Anderson dos Santos Batista. -- 2018.
332 f.
Orientadora: Maria Ivone dos Santos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2018.

1. Escultura. 2. Moldagem. 3. Palavra. 4.
Materialidade. 5. Instauração. I. dos Santos, Maria
Ivone, orient. II. Título.

**[CI-GÎT]. ENSAIOS SOBRE A INSTAURAÇÃO
CLANDESTINA, A PALAVRA BALDIA E A PRESENÇA
MURMURADA DO OBJETO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito para
obtenção do grau de Mestre em Poéticas Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Ivone dos Santos
Orientadora PPGAV-UFRGS

Prof.^a Dr.^a Helene Gomes Sacco
CA-UFPel

Prof.^a Dr.^a Monica Zielinsky
PPGAV-UFRGS

Prof. Dr. Eduardo Vieira da Cunha
PPGAV-UFRGS

XI. SACCO, Helene Gomes. *Ci-gît. Aqui reside*.⁸⁵

Queridos Fercho, Ivone e demais professores, colegas queridos....

É uma alegria estar com vocês neste dia de defesa de dissertação de um trabalho que parabeno desde já pelo fôlego, insistência e cuidado na investigação das questões que aparecem no trabalho sob uma disciplina invejável, mesmo numa pesquisa que conta com certo acaso, desvios e liberdade criativa.

Destaco a beleza do volume, o cuidado com a diagramação e apresentação do texto, imagens e demais informações. Nota-se um trabalho feito com muito prazer na escrita e cuidado na escolha de cada palavra. A organização de questões abordadas, sempre desdobrando mais as possibilidades de observar o processo, os trabalhos prontos, a recepção. Exercitas vários pontos de vista no trabalho. Artista, crítico, ensaísta, historiador... Lindo ver ao final os textos e contribuições sobre o teu trabalho, o índice remissivo, glossário.

A escolha da abordagem

- Por onde começar uma escrita de dissertação? A forma de abordagem nos diz muito sobre essa escolha e sobre o artista-pesquisador. No texto vemos os gestos para organizar não só o pensamento, mas os diálogos traçados com as referências na jornada na pesquisa. Escrita ensaística que perpassa diferentes momentos do processo de criação do artista em relação ao objeto criado. Nela somos conduzidos pelo caminho da prática reflexiva.

No enfrentamento com o campo em si, lemos sobre escultura do início ao fim, a técnica, a materialidade, o sentido, a forma de apresentação, a forma de relação, o que se dá a ver e o que o trabalho oculta. Por onde começar a falar do processo de

85. Parecer apresentado na ocasião da Defesa de Mestrado de Fercho Marquéz, no dia 15 de outubro de 2018, na Sala Majestic da Casa de Cultura Mario Quintana – Porto Alegre, RS. Artista e pesquisadora, Helene Sacco é doutora em Arte Visuais, com linha de pesquisa em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS (2014). Atualmente, é professora colaboradora no Mestrado em Artes Visuais e em cursos de graduação na área da Escultura, em disciplinas de percepção tridimensional e espacial. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: Objeto, desenho e palavra, com ênfase de pesquisa em objetos cotidianos, invenções e (re)fabricações, inventários ordinários e relações entre arte e literatura em trabalhos que articulam desenho, fotografia, objetos e publicações que buscam através de um tom ficcional pensar sobre a produção de objetos, sua implicação nos modos de vida questionando a obsolescência programada, a vida das coisas e a durabilidade do mundo. Coordena o Projeto de Pesquisa chamado Lugares-livro: dimensões poéticas e materiais desde 2013, pesquisa que procura pensar os livros e publicações artísticas como lugar de experiência crítica, estética e poética.

criação? O que move o gesto criador? O que vem antes? O texto deixa claro que cada trabalho é resultado de uma série infinita de pequenos gestos que iniciam no desenho.

As referências são super acertadas e são trabalhadas no texto de forma densa e muito rica. Lembrei de algumas referências que estabeleceriam um bom diálogo com teu trabalho. Uma é o texto de Robert Smithson sobre a ida a Passaic, onde a escrita instaura o deslocamento, a experiência de percurso, com método de observação e tradução do espaço por via da fotografia e texto, o outro é de Vilém Flusser sobre a matéria e forma, no início do livro *O mundo codificado*.⁸⁶

A cera estocada, a memória do processo, o registro da precipitação da matéria. Em *Teeteto*, Platão usa a metáfora de um bloco de cera para falar da memória – há um bloco de cera em nossas almas. É o presente de Mnemosine, mãe das Musas. Em cada indivíduo o bloco de cera tem qualidades diferentes. A cera não é nem tão fluida quanto a água, que não permite reter, nem tão dura quanto o ferro, que não permite marcar. Guarda impressões por excelência. A palavra na tradição oral e depois escrita, também é elemento base, matéria da memória.

O boato

Quando o trabalho toca o mundo, parece se impregnar dele. Disso surgem histórias, outras escritas que não são algo que atue como título, também não é apenas uma estratégia extensora dos trabalhos, e não é uma palavra que atua como gatilho para percepção do trabalho, ela toma a cena e o mais interessante é que traz junto dela a materialidade do mundo, fala sobre o que é uma estrada, o que a define, uma ponte... Uma escrita que apresenta os movimentos de construção de um pequeno conto que perpassa o

86. FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*: por uma filosofia do design e da comunicação. Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu, 2018.

real e recolhe dele a materialidade necessária para virar palavra. (Ler trechos da dissertação 129-133-138)

Creio que a ideia de boato como texto, que não apenas circunda a obra, mas a define, é na tua pesquisa uma das possibilidades de continuidade no doutorado. A mesma coisa posso dizer da *palavra baldia*, parece-me que nasce aqui um conceito superpotente para ser explorado no futuro. Trazes na dissertação uma riqueza de expressões tuas que são conceitos maravilhosos para explorares futuramente.

Palavra é corpo, matéria do mundo

Segundo Novarina⁸⁷, a linguagem não é mais um instrumento do dizer, mas uma ferramenta de aparição. Teu conceito de boato instaura essa experiência de construir por imagens que surgem a partir da tua fala dos espaços que trazem junto uma outra forma de materialidade, mas uma materialidade.

“O que as palavras nos dizem no interior onde ressoam? Que não são nem instrumentos de escambo, nem utensílios para se pegar e jogar, mas que querem tomar a palavra. Sabem muito mais sobre a linguagem que nós. Sabem que são trocadas entre os homens não como fórmulas e *slogans* mas como oferendas e danças misteriosas (...) elas ressoaram muito antes de nós; chamavam umas às outras muito antes que estivéssemos aqui. As palavras preexistem ao teu nascimento. Elas razoaram muito antes de você. Nem instrumentos nem utensílios, as palavras são a verdadeira carne humana e uma espécie de corpo do pensamento:

87. NOVARINA, Valère. *Diante da palavra*. Trad. Angela Leite Lopes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

a fala nos é mais interior do que todos os nossos órgãos de dentro. As palavras que você diz estão mais dentro de você que você. Nossa carne física é a terra mas nossa carne espiritual é a fala; ela é o pano, a textura, a tessitura, o tecido, a *matéria do nosso espírito* (...) Nós todos sabemos muito bem, no fundo, que a palavra existe em nós, fora de qualquer troca, fora das coisas, e até fora de nós.” (NOVARINA, 2009, p. 14, destaque do autor).

A palavra no espaço e esse espaço da palavra

No capítulo sobre a obra *Anexo Goiabeira: cova sem identificação*, o resultado é uma quase transmutação da matéria para a palavra. Os textos aparecem enquadrados, como camadas de sentidos, dialogando com as camadas de glicerina que impregnadas do espaço também registram, narram um acontecimento. Nesse trabalho vejo uma aproximação entre meios e materialidades, algo interessante como pesquisa futura. Como chegar num grau de materialidade na palavra que seja equivalente ao espaço?

Caso tenhas interesse sugiro algumas leituras de Vilem Flusser que trazem a questão da materialidade ao grau da palavra. Ver *O mundo codificado*. Ali aparece toda uma retomada sobre a etimologia da palavra matéria, que deriva, segundo Flusser de madeira, aquela madeira que era estocada nas oficinas de marceneiros da antiguidade. Acredito que renda um diálogo bonito com a ideia de estocagem. Nessa parte a forma como explorar a ideia de chão é muito linda.

Sobre o Blanchot (p. 175) na citação que trazes, enfatizas um vazio que a obra exprime, um silêncio, na tua percepção me

parece que falas que desse vazio algo se faz e vem preencher a obra. Pareceu-me um tanto perdida, ou pouco explorada essa citação. Na sequência trazes a ideia de murmúrio que torna a comprovar que esse vazio e o nada são impossíveis. Acredito que a relação com o espaço é que reinstala na obra uma impossibilidade de vazio. Não está errada a forma que colocas, só acho que precisa explorar um pouco mais. Na página 172 tua articulação com ele e W. J. T. Michell é excelente.

Por fim o trabalho é uma grande contribuição ao campo tridimensional, pela riqueza de elementos que trazes da experiência do fazer do escultor, algo já um tanto perdido nos processos atuais. Tu investigas e atualizas questões originárias desse campo, reinstalando-as na contemporaneidade.

Mais uma vez parabéns!

Helene Gomes Sacco